

NADANDO

VIDEOINSTALAÇÃO DE DAISY XAVIER E CÉLIA FREITAS

por Paulo Sergio Duarte

Desde 1996, a artista Daisy Xavier desenvolve uma série de investigações sob o título genérico de “Anfíbios”. Os resultados têm sido instalações e fotografias que não deixam de trazer o lastro do trabalho pictórico – explorado já há vários anos por Daisy – pelas fortes presenças plástica e cromática que generosamente compartilham o espaço de exposição com os elementos conceituais ou reflexivos. Se o corpo era uma alusão sempre presente nas pinturas, passou, a partir dos “Anfíbios”, ao estatuto de objeto direto da ação do trabalho. A poética do corpo condensada nessa pesquisa se expande em fotos nas quais volumes de fragmentos de corpos femininos de diferentes idades se superpõem num atrevido e intenso jogo de peles. As fotos de modelos submersos eram vultos ensacados que insinuavam uma forma, mas nos vedava a apropriação direta, do mesmo modo que a instalação realizada com os cobertores cobrindo corpos como ocorre nos dormitórios em que se transformam as calçadas das grandes cidades para os moradores de rua.

Toda essa experiência acumulada adquire, agora, a configuração monumental da videoinstalação *Nadando*, realizada a quatro mãos, em parceria com a cineasta Célia Freitas. A multiplicação de um módulo mínimo de repetição – na forma de gestos – está embutida nos reflexos automáticos incorporados por cada cultura no caminhar, no correr, no nadar. Esse último encontra-se naquela capacidade de transformar um ambiente, por natureza hostil, em ambiente natural.

Conta-se – não sei se os pediatras confirmam – que se um bebê humano for atirado n'água, ele “sai nadando”, de modo que a perda dessa vocação natural se dá apenas posteriormente, pela sua inscrição no estado de cultura. Será preciso, mais tarde, um novo adestramento e aprendizado para que essa aptidão seja recuperada. Aquele que nada é um anfíbio por aptidão adquirida, não por destino genético. Tudo isso está presente em *Nadando*, de Daisy e Célia, e muito mais. O módulo mínimo repetido – como os rigorosos intervalos musicais de Terry Riley ou Steve Reich – são multiplicados e sofrem variações simultâneas de direções e se transformam numa composição de Phil Glass. Se quiserem um exemplo mais próximo, aqui vai: os poucos ritmistas presentes – na verdade, o mesmo, só que clonado pelos recursos eletrônicos – não estão recuados enquanto esperam a escola passar, evoluem o tempo todo sem atravessar o samba e se transformam no próprio show.

A espacialidade contrariada pela disposição em ângulo das duas grandes telas e dos oito projetores produzem uma dinâmica paradoxal: a lentidão do ritmo da nadadora se opõe à vertigem das múltiplas direções que convergem para esse infinito muito próximo que se encontra no canto da parede da projeção.

Nesse trabalho, a arte contemporânea brasileira dará mais uma vez a demonstração de sua capacidade de lidar com as grandes questões – como a compressão de tempo e espaço na vida moderna – e, ao mesmo tempo, não deixar de lado a beleza, a generosidade plástica e suas características locais. Afinal, quem poderia melhor trabalhar com a água numa manifestação de linguagem poderosa e cheia de luz senão o artista nascido na terra dos rios e das praias cheios de sol? Tudo isso sem folclores artificiais nem demagogias nacionalistas.

SWIMMING - “NADANDO”

a video-installation project
by Daisy Xavier and Celia

by Paulo Sergio Duarte

Since 1996, the artist Daisy Xavier has been developing a series of investigations comprehended under the general title “Amphibians”. The production has consisted of installations and photos that do not lack the ballast of her pictorial work – which has been explored for many years by Daisy Xavier – due to the forceful plastic and chromatic features that generously share the exhibition space with conceptual or reflectional elements. If the body was an ever-present allusion in the paintings, it has acquired from the “Amphibians” onwards, the status of the direct object of the working action. The poetics of the body condensed in this research is expanded towards the photos in which volumes of fragments of feminine bodies of diverse ages are superimposed in a daring and intense skin play. The photos of submerged models were bagged masses suggesting shapes, but denying direct appropriation, the same way as in the installation using blankets covering bodies on the sidewalks of the big cities, which have become the dormitories for the homeless.

This accumulated experience now attains the monumental configuration of the video- installation “Nadar” – a four-hand project in collaboration with filmmaker Celia Freitas. The multiplication of a minimal module of repetition, in the form of gestures, is embedded into the

automatic reflexes incorporated by each culture in their way of walking, running, or swimming. The act of swimming holds the capability of transforming an environment that is naturally hostile into a natural one.

It is said – I do not know if pediatricians would confirm it – that if a human baby is put in the water, the newborn would naturally swim, and that the loss of this natural ability would eventually happen due to his/her insertion into the state of culture. Later, some new training and learning will be needed to regain this aptitude. Those who swim are amphibians by an acquired ability and not by their genetic fate.

The repeated minimal module, as in the rigorous musical intervals by Terry Riley or Steve Reich, get multiplied and undergo simultaneous directional variations, morphing into a musical composition by Philip Glass. In an example that is closer to us, the few percussionists that are featured on the samba school parade (in fact, it is the same one cloned by means of electronic devices), they are not just standing aside while waiting for the samba school to pass by – they keep constantly without interruptions in time, becoming the show stoppers. Spatiality is upset by the two big screens and the six projectors positioned in angles, which produces a paradoxical dynamism – the slowness of the swimmer's rhythm is countered by the vertigo of the multiple directions converging towards this nearby infinite located at the corner of the projection wall. I am looking forward to the soundtrack, which, from what I could gather, will surely stand up to the plastic event.

With this work, contemporary art in Brazil will once again bring a demonstration of its ability to deal with the 'big' issues – such as the compression of time and space time in modern life – while at the same time keeping track of beauty, plastic generosity and local characteristics. After all, who else could better deal with water in a manifestation of powerful language that is full of light, if not the artist who was born in the land of sun-drenched rivers and beaches? No artificial folklores nor nationalistic demagoguery included.

Paulo Sergio Duarte

Art critic, professor of art history and researcher at Centro de Estudos Sociais Aplicados [Center for Applied Social Studies] / Cesap from Candido Mendes University in Rio de Janeiro; Teacher of Theory and History of Art at Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro – Parque Lage [Rio de Janeiro Visual Arts School].